
OS MULTILETRAMENTOS E OS TEXTOS MULTIMODAIS: UM NOVO DESAFIO PARA O ENSINO DE LEITURA NA SALA DE AULA

Joana Henrique Rinco¹
Tairine Francisquini da Silva²

Resumo: A pesquisa busca apontar como o ensino da leitura se faz vigente dentro do ambiente escolar ao enfatizar o uso da diversidade de gêneros textuais e a aplicação de novas estratégias para o ensino/aprendizagem. Para isso, discutiremos o que são letramentos e multiletramentos para compreender o uso de tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas no tratamento dos gêneros textuais multimodais em sala de aula. Para verificar tais pressupostos, foi realizada uma pesquisa de revisão teórica amparada em autores como Koch (2006), Solé (2012), Rojo (2013), dentre outros. Além de uma pesquisa de campo fundamentada em uma entrevista com uma professora, na qual, identificou-se a utilização de meios tecnológicos e de textos multimodais para aprimorar e desenvolver a competência leitora dos alunos, aplicando a teoria dos multiletramentos.

Palavras-chave: Leitura. Letramentos e multiletramentos. Gêneros textuais multimodais.

Introdução

O processo de desenvolvimento em leitura e escrita enfrenta ineficiência em sua execução, dificultando a compreensão e interpretação dos alunos para a produção de textos orais e escritos. Sendo assim, cinco eixos de ensino orientados pela Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2015) traçam objetivos a serem alcançados com o propósito de contribuir para a educação, levando em consideração o desenvolvimento da comunicação, a apropriação de diálogos, a interação e o respeito para com as diferenças presentes em nossa sociedade.

Tendo a leitura e a escrita como partes fundamentais no processo de aprendizagem, o professor como mediador se faz essencial para que estratégias e intervenções sejam realizadas. Por essa razão, falaremos sobre o trabalho com gêneros textuais, que permitirão aulas mais didáticas e motivadoras, possibilitando aos alunos o contato com diferentes textos. Dessa forma, buscaremos

¹ Graduada em Licenciatura em Pedagogia na Faculdade Metodista Granbery-MG; Pós-Graduada em Alfabetização e Letramento na Esap-PR; Cursando Espanhol na Unión Latinoamericana de Idiomas-PR. joana-rinco@hotmail.com

² Graduada em Licenciatura em Pedagogia na Faculdade Metodista Granbery; Pós-Graduada em Psicopedagogia na Faculdade Metodista Granbery. tairine_francisquiniif@yahoo.com.br



analisar a inserção do trabalho com multiletramentos e textos multimodais na aprendizagem dos educandos e quão importantes são na formação leitora dos indivíduos.

1. Pressupostos teóricos

1.1 Língua Portuguesa e ensino: propostas e desafios

A Língua Portuguesa, juntamente com outros conteúdos da Educação Básica tem como objetivo proporcionar aos educandos a oportunidade de conceder conhecimentos, aprendizados e de possibilitar a formação de cidadãos críticos, responsáveis e com autonomia para se desenvolverem dentro e fora do ambiente escolar.

A fim de contribuir para o aprimoramento da qualidade de ensino da língua materna e com a intenção de promover a competência comunicativa do aluno, o texto preliminar da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2015), doravante, BNCC, orienta que:

[...] os objetivos de aprendizagem de Língua Portuguesa estão organizados em cinco eixos, que dizem respeito a práticas e a conhecimentos de linguagem. São elas: apropriação do sistema e de escrita alfabético/ortográfico e de tecnologias da escrita, oralidade, leitura, escrita e análise linguística, sendo este último transversal aos demais (BRASIL, 2015, p. 37).

Em vista desses eixos, é importante salientar que a linguagem, nos aspectos aqui arrolados, consiste como o meio de comunicação essencial a partir do qual passamos a nos expressar e a expor aquilo que pretendemos. Nesse sentido, a Língua Portuguesa destaca a necessidade de promover a compreensão de textos, sejam eles na modalidade oral e/ou escrita, de modo a buscar o desenvolvimento competente da comunicação, a pertinência do diálogo, a interação entre sujeitos em esferas sociais distintas e o respeito, seja linguístico, socioeconômico e/ou religioso entre os sujeitos falantes de uma mesma língua.

Leitura e escrita caminham juntas no processo de aprendizado na escola. Ler é algo indispensável para que o aluno seja um bom escritor e este não deve ser exposto a técnicas mecanicistas de leitura. É preciso, na verdade, favorecer a plena capacidade de fala e escuta em diversas situações de interação social e, principalmente, de leitura. Essas leituras necessitam figurar como um ensino sistematizado a favor da construção de sentidos mediante o que se lê de forma crítica e autônoma (BRASIL, 1997).

É essencial ressaltarmos a importância do ensino de estratégias de leitura para os alunos, auxiliando-os na aprendizagem. Segundo Solé (2012), isto é importante para que sejam formados alunos capazes de diferenciar os diversos tipos de textos e sua compreensão de forma eficaz. O

aprendizado com textos diversificados fará com que os alunos participem e questionem dando a possibilidade, até mesmo, de modificar o que lhes foram apresentados, assim como aponta Solé (2012, p. 73):

As estratégias que vamos ensinar devem permitir que o aluno planeje a tarefa geral de leitura e sua própria localização – motivação, disponibilidade – diante dela; facilitará a comprovação, a revisão, o controle do que se lê e a tomada de decisões adequada em função dos objetivos perseguidos.

Nessa tendência, é fundamental o professor desenvolver nos alunos capacidades de leitura de imagens (retratos, tiras, charges, *emoticons*, ilustrações de livros, etc.), de textos em linguagem verbal, localizando informações explícitas e implícitas, analisando textos em movimento (vídeos, *gifts*, animações), identificar e produzir gráficos, tabelas, quadros etc., ler e selecionar textos e hipertextos como *links* diretos e indiretos. A escola possui papel fundamental na vida do educando, assim, oferecer e apresentar a eles diferentes estilos de textos e suportes para a leitura é essencial.

Fachinetto (2005) nos apresenta diversos suportes existentes e as facilidades encontradas hoje em dia para a leitura, salientando que:

A leitura não foi sempre e em todo lugar a mesma. O termo pode ser amplamente aplicado a diversos suportes, como a leitura de um texto impresso, texto eletrônico, de um quadro, uma fotografia, etc., no sentido de construir seu significado [...]. A transmissão eletrônica dos textos e as maneiras de ler que ela impõe indicam uma atual revolução (FACHINETTO, 2005, p. 10-11).

Entendemos que toda forma de texto e de tratamento à leitura são norteadores de interação social. Esse tratamento dado às estratégias de leitura é essencial para que o leitor consiga ativar as variadas habilidades de compreensão na construção dos significados de leitura. A estratégia de leitura origina dos conhecimentos interacionais, linguísticos e enciclopédicos. Segundo Koch e Elias (2006), será nesse meio que os leitores irão direcionar suas leituras em busca de conhecimento, em que o professor poderá explorar os diversos gêneros textuais.

Por essa razão, a seleção de gêneros textuais adequados ao ano/idade e à proposta pedagógica da escola é importante para que os alunos tenham acesso a diferentes textos, principalmente, a gêneros textuais que façam parte do cotidiano social e literário do aluno. Destacamos por exemplo, gêneros textuais como contos, receitas, e-mail, rótulos, anúncios, gráficos, mensagens, cartas, poemas, artigo de opinião, esses são alguns dos mais variados textos que o professor poderá utilizar em sala. Para isso, consideramos que seja preciso levar em consideração os mais diversos meios de comunicação a fim de que façam sentido para o aluno e favoreçam a leitura, compreensão e produção, oral ou escrita, que serão de extrema valia para aqueles que os tiverem à disposição.

A oralidade, a escrita, a leitura e o domínio dos gêneros textuais devem caminhar lado a lado para que cada um desses elementos dê sentido ao outro. O tratamento de habilidades relacionadas a esses pontos deverá trazer novas descobertas para os discentes e também novas estratégias, para que possam agir competentemente no cotidiano de suas práticas sociais, seja corriqueira, profissional ou academicamente (BRASIL, 1997).

A fim de compreendermos mais especificamente a proposta de ensino de língua portuguesa a partir da concepção dos gêneros textuais, consideramos importante traçar alguns pontos a esse respeito. Como esclarece Marcuschi (2008), o estudo referente aos gêneros textuais não é tão recente.

Nesse contexto, Marcuschi (2008, p. 1) indaga que os “[...] gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social”. Deste modo, alguns suportes da área da comunicação como a TV, o jornal, o rádio, a revista, a internet e, mais recentemente, aplicativos como o *Whatsapp* são vistos no cerne da realidade social e, ao mesmo tempo, permitem novas formas discursivas, tais como os artigos de opinião, notícias, anúncios, videoconferências, cartas e mensagens eletrônicas dentre vários outros. Como afirma Marcuschi (2008, p. 1) é possível certificar que foi a partir do uso diário das novas tecnologias da comunicação que surgiram novos gêneros textuais:

Os novos textos surgem emparelhados a necessidades e a atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação às sociedades anteriores à comunicação escrita.

Nessa perspectiva, vale distinguir o que vem a ser gêneros textuais e tipos textuais. Trata-se de dois elementos distintos da língua e conhecer suas diferenças é indispensável para a compreensão e interpretação de um texto.

Os gêneros discursivos ou gêneros textuais originam-se dos diferentes modos de linguagens utilizados nos textos, podendo ser empregados formalmente ou de maneira mais informal. Eles são identificados e definidos pelo assunto, pela linguagem e pela forma de modo a possibilitar a organização das informações linguísticas. Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 28), “[...] a ação discursiva é, portanto, ao menos parcialmente, prefigurada pelos meios”. Em vista disso, compreendemos que há uma correlação entre conhecer o gênero e o contexto social ao qual ele se aplica, a fim de o conhecermos, entendê-los e produzi-los.

Assim, para interagirmos socialmente fazemos uso de gêneros textuais que fazem parte tanto da modalidade oral quanto escrita, tais como conversa telefônica, bate-papo, palestra,

seminário, roda de conversa, reportagens, depoimentos, biografias, cartas, e-mails, mensagens de *Whatsapp*, etc.

Em contrapartida, ao referirmo-nos aos tipos textuais, tratamo-nos como agrupamento de textos que possuem algumas propriedades bem específicas, sejam essas características linguísticas, marcadas por aspectos sintáticos, lexicais, lógicos, de tempos verbais e estilos de escrita (MARCUSCHI, 2008).

Dependendo da predominância dessas características, um gênero textual pode assumir propriedades referentes e próprias de um texto de caráter narrativo, ou expositivo ou, ainda, argumentativo. É em virtude disso que, para sua distinção com relação aos gêneros textuais, diz-se que os tipos textuais diferenciam-se dos gêneros pelo fato de estes serem praticamente incontáveis (mais de 3 mil gêneros existentes), enquanto aqueles, os tipos textuais, são definidos somente em cinco grupos bem específicos: narrativos, relatos, injuntivos, expositivos e argumentativos (MARCUSCHI, 2008).

É fundamental não apenas tratar da leitura desses textos, mas apresentar de modo bem sistemático todos os aspectos discursivos que fazem parte de cada gênero textual, tais como a funcionalidade do gênero; os possíveis leitores do gênero textual; o suporte textual e a variedade linguística específica de cada gênero. Além dos aspectos discursivos, é fundamental que o professor trabalhe com os alunos os elementos que constituem cada gênero textual e os identifiquem como o estilo verbal, o conteúdo temático e a estrutura composicional.

Como afirmam Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 53), “[...] trata-se fundamentalmente, de se fornecerem aos alunos os instrumentos necessários para progredir”. Em vista disso, percebemos a necessidade de o professor construir diferentes estratégias de ensino e fazer o uso de diversificadas ferramentas, a fim de possibilitar o desenvolvimento pleno do aluno.

É necessário, também, que o professor compreenda que o mundo vem passando por mudanças e explore os novos recursos impostos pela globalização na alfabetização e no desenvolvimento do letramento (ou dos multiletramentos) de seus alunos, contribuindo no desenvolvimento dos mesmos a fim de estimular o interesse pela leitura.

Baseando-se nessa ideia, será demonstrada a importância da leitura fundamentada nos gêneros textuais multimodais que são constituídos por imagens – estáticas ou em movimentos –, áudios, vídeos, links, entre outros. Para isso, é utilizado o termo hipertexto, que, de acordo com Fachinetto (2005, p. 1), consiste “[...] em um processo de escrita/leitura não-linear e não hierarquizada que permite o acesso ilimitado a outros textos de forma instantânea”.

Assim, o ciberespaço é configurado em um diverso e ilimitado universo de leituras, que é feito através da Internet, visto que, nessa plataforma é permitido aos indivíduos consultar, a qualquer momento, sites para ler, escutar e ver quaisquer assuntos, de todos os interesses. No

entanto, devemos nos conscientizar de que a tecnologia tende a avançar crescentemente e não podemos fugir dessa realidade.

Cabe salientar que há inúmeras possibilidades de entender e aprofundar o conhecimento sobre gêneros digitais e multimodais, sendo eles, por exemplo, o e-mail, o chat, as videoconferências, os memes, os blogs, os *vlogs*, as mensagens eletrônicas, os gráficos e infográficos, tudo o que as novas tecnologias possibilitarem para a comunicação humana. Estamos, por isso, em constante evolução. O acesso a gêneros visuais em nossas práticas cotidianas seja na forma de movimento, com imagens sugeridas ou em que os sons se destacam nos aplicativos ao favorecerem o uso constante de ferramenta de áudios, assinala uma nova postura no tratamento da leitura também na escola.

Dessa maneira, o reflexo dessa contemporaneidade tornou a leitura mais dinâmica, versátil e atrativa, motivando os alunos a praticá-la. Essa mesma contemporaneidade, ligada aos meios digitais, tecnológicos, movidos pela interação junto aos aparelhos *mobile* também leva o professor a criar estratégias para envolver e estimular os aprendizes na construção dos saberes que são essenciais. Tal consciência do professor e versatilidade de suas práticas pedagógicas promoverá a ideia de que o ato de ler atravessa a pluralidade de gêneros.

1.2 letramentos e multiletramentos: transições e novas perspectivas

Atualmente, vivemos em uma sociedade em que a tecnologia é real e se faz cada vez mais presente no cotidiano das práticas sociais. Em vista disso, começamos a pensar em como o aprendizado dentro do ambiente escolar deve ser realizado para que os alunos não se sintam desmotivados e desinteressados com a prática adotada pelas escolas. E, para que os alunos consigam relacionar o que aprendem com sua vida social, no seu fazer cotidiano, é necessário que trabalhem com letramentos, ou com os mais diversos usos das capacidades de ler e de escrever.

De acordo com Orlando e Ferreira (2013, apud SILVA, 2011, p. 4), o termo letramento surgiu no ano de 1970 quando alguns educadores se inspiraram nas teorias de Paulo Freire. Para esse educador, letramento iria para além do ensino da escrita como código, serviria como elemento constituinte das práticas sociais.

Segundo Kleiman (2005), muitos pensam que letramento é um método, contudo essa associação necessita ser revisitada e melhor compreendida. É interessante realçar que letramento mantém uma relação direta com a escrita, seja no ambiente escolar (letramento escolar/acadêmico), seja em outras instâncias sociais das quais os sujeitos fazem parte.

Salientamos que letramento e alfabetização não são a mesma coisa, não são considerados sinônimos, haja vista que uma pessoa pode ser letrada e não alfabetizada. Reforçamos, contudo, que

esses dois termos estão diretamente associados e precisam ser trabalhados e entendidos na escola assim, indissociavelmente. É nessa linha de pensamento que o conhecimento cultural de um indivíduo já o torna letrado, o que o leva a resolver situações do seu próprio cotidiano. Já a alfabetização é considerada uma prática que, aos poucos, faz com que o sujeito consiga ler e a escrever, conhecendo e dominando as técnicas próprias da escrita. A aquisição da escrita, nesse sentido, torna-se fundamental para que o indivíduo se torne inteiramente letrado, pois, conforme evidencia Kleiman (2005),

[...] uma pessoa não-alfabetizada que conhece a função do bilhete, da carta, das etiquetas e dos rótulos de produtos participa, mesmo que de forma marginal, nas práticas letradas de sua comunidade e, por isso, é considerada letrada (KLEIMAN, 2005, p. 14).

Para a autora supracitada, o “[...] letramento está relacionado com os usos da escrita em sociedade e com o impacto da língua escrita na vida moderna”. Antigamente, quando pensávamos em escola, logo o que nos vinha à cabeça eram cadernos, lápis, giz e quadro. Contemporaneamente, com tantas evoluções, podemos contar com muito mais recursos do que os que são referência para a escola do passado. Assim, o letramento se faz a partir de inovações, das mudanças tecnológicas e também sociais, visto que para Kleiman (2005, p.21):

O letramento abrange o processo de desenvolvimento e o uso dos sistemas da escrita nas sociedades, ou seja, o desenvolvimento histórico da escrita refletindo outras mudanças sociais e tecnológicas, como a alfabetização universal, a democratização do ensino, o acesso a fontes aparentemente limitadas de papel, o surgimento da Internet (KLEIMAN, 2005, p. 21).

Como afirmam Rojo e Moura (2012), “[...] a pedagogia dos novos letramentos visa a tornar o ensino mais significativo para o aluno, aproximando a escola à vida”.

O ser humano vem passando por frequente mudança no que diz respeito a como interagir uns com os outros, principalmente devido à influência que os meios tecnológicos vêm proporcionando. Textos escritos, falados, gravações/áudios, vídeos, imagens em movimento, *gifts* e *emoticons* têm tomado conta, usualmente, dos processos de comunicação e de interação entre comunidades e sociedades inteiras.

Com todas as mudanças recorrentes ocasionadas por novos modelos de relacionamento e por necessidade de aproximar o que é distante nasceram às práticas multiletradas. Essas mudanças ocorrem, principalmente, a partir de atividades diárias que necessitam e que se consolidam por meio de gêneros textuais cada vez mais sofisticados, inovadores, que demandam processos de leitura que

ultrapassam o decodificar símbolos convencionais (letras) e o produzir sentido a partir da linguagem verbal.

Nessa perspectiva, Orlando e Ferreira (2013, apud DIAS, 2012, p. 7) sinalizam que “[...] o cidadão contemporâneo precisa tornar-se aberto à diversidade cultural, respeitar a pluralidade étnica e saber conviver *on-line*.”, já que esse novo olhar para o mundo configura um novo olhar para as relações sociais e, conseqüentemente, para novos modos de aprender e de ensinar, inclusive no que concerne o desenvolvimento de novas habilidades de leitura.

Em concordância com Rojo e Moura (2012), a concepção de multiletramentos na escola não é algo tão novo. Seu primeiro sinal surgiu em 1996, através de um grupo de pesquisadores dos letramentos e de professores americanos, na Nova Londres, em Connecticut nos EUA. Esses pesquisadores se reuniram para discutir a situação da educação que parecia não estar melhorando nos EUA, Reino Unido e Austrália. Nessa época, os educadores já começavam a se preocupar com a multiplicidade cultural e linguística presente na sociedade moderna.

Discutindo também sobre essas ideias, Rojo e Moura (2012) destacam que é preciso

[...] levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presente nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade (ROJO; MOURA, 2012, p. 12).

Através de muitas discussões, o *New London Group, 1996* (Grupo de Nova Londres – GNL), construiu uma pedagogia que seria praticada, testada e autenticada pelos professores durante sua execução em salas de aula, intitulado como *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures* (“Uma pedagogia dos multiletramentos – desenhando futuros sociais”). De acordo com Aguiar e Fischer (2012, p. 5) “[...] a pedagogia dos multiletramentos é mais um recurso didático disponível aos professores para complementar suas práticas em sala de aula”. Desse modo, pode-se inferir que sua aplicação permite a produção de atividades de escrita e leitura mais relevantes, servindo ainda, como auxílio teórico ao professor.

Rojo e Moura (2012, p. 30) também defendem a pedagogia dos multiletramentos, dado que, segundo os autores sua concepção didática amparada por fundamentos de estudos críticos é “[...] de grande interesse imediato e condiz com os princípios de pluralidade cultural e de diversidade de linguagens envolvidas no conceito de multiletramentos”. A diversidade de linguagens envolve, assim, recursos culturais também diversificados. A leitura de gêneros textuais considerados contemporâneos, que se originam a partir do desenvolvimento tecnológico, como fotos estáticas e em movimento, mensagens de áudio e vídeo, teleconferências, resenhas interativas em *vlogs*, *booktrailers*, mensagens eletrônicas via *Whatsapp*, *Skype* e *Messenger*, dicionários virtuais, jogos

educacionais etc., promovem novos olhares para os processos de leitura e fazer surgir novas necessidades fundamentadas nos multiletramentos, ou seja, nos letramentos diversificados, que extrapolam a leitura e a escrita convencionais.

No entanto, vale ressaltar, que a escola tradicional apropria-se, na maioria das vezes, do letramento escrito, abandonando as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) que, também, fazem parte do contexto social em que os alunos estão inseridos. Nesse sentido, Rojo (2013) justifica o porquê da abordagem pautada nos multiletramentos, nas multilinguagens e nas novas aprendizagens:

A ideia é que a sociedade hoje funciona a partir de uma diversidade de linguagens e de mídias e de uma diversidade de culturas e que essas coisas têm que ser tematizadas na escola, daí multiletramentos, multilinguagens, multiculturas (ROJO, 2013, p. 1).

Partindo desse mote, percebe-se que os multiletramentos são ferramentas necessárias e essenciais para a vida nas sociedades contemporâneas, como também devem sê-lo para o trabalho na escola e para o desenvolvimento do ensino em todas as áreas de conhecimento humano. Em vista disso, o essencial, é que o professor perceba, desde já, que não basta usar as ferramentas no modo tradicional, é preciso levar as novas tecnologias para a sala de aula e ensinar os alunos a criarem sentido tendo-as como suporte.

A escola possui como diferencial despertar nos alunos o uso crítico e de como desenvolver o conhecimento a partir da interação social e dos distintos contextos. Ou seja, é fazer o uso de outras linguagens e da diversidade cultural de modo a desenvolver outros letramentos, visto que a multiculturalidade e a multimodalidade já se fazem presentes no dia a dia dos estudantes. Assim como destacam Orlando e Ferreira (2013) ao assinalarem que

[...] o contexto atual em que se insere o ensino exige de nós, professores(as), (re)pensar sempre quais caminhos percorrer para garantir a aprendizagem de uma língua de modo plural. Nesse contexto, com o uso mais intenso das novas tecnologias, dando conta dos complexos usos de linguagem, há a demanda de um ensino de línguas que parte de um posicionamento mais crítico frente à realidade, aos conteúdos dados pelos materiais de ensino, às informações trazidas à sala de aula por alunos(as) e professores(as), isto é, de uma prática pedagógica de ordem mais colaborativa e reflexiva, trazendo à tona conceitos como heterogeneidade da linguagem e da cultura, comunidades de prática, multiletramentos (ORLANDO; FERREIRA, 2013, p. 3).

A respeito dos textos multimodais, tão representativamente celebrados pelas sociedades atuais, destacamos a necessidade de o professor trabalhar textos em que haja o diálogo e a interação entre imagens (fotografias, ilustrações, pinturas, desenhos, pictogramas etc.), linguagem escrita, sons e movimentos para que, assim, os alunos consigam compreender de forma mais objetiva as

práticas do letramento. Tendo como apoio o artigo de Oliveira (2013, apud KRESS e VAM LEEUWEN, 2006, p. 3), a multimodalidade é uma característica de todos os gêneros textuais, já que congregam, no mínimo, dois modos de representação, como imagens, palavras e tipografias.

A Teoria da Multimodalidade, segundo KRESS e VAM LEEUWEN (2006), mencionada por Oliveira (2013, p. 4), vai além da linguagem escrita, dando espaço para que diferentes modos de comunicação e estudo ganhem lugar no ensino/aprendizagem. Como apontam esses autores, a linguagem visual representa o mundo de maneira concreta e abstrata; produz conhecimento, formas de pensar e de agir no e com o mundo; é o meio eficaz para o convencimento e o controle do leitor-consumidor; é ideologicamente construída; representa um importante papel na construção de identidades, de valores, de crenças e da própria realidade.

Como podemos perceber, um texto multimodal adere mais que uma maneira de representação verbal e não verbal. Em conformidade com Aguiar e Fischer (2012, apud JEWITT, 2008, p. 111) “[...] ressaltar os textos multimodais nas práticas de sala de aula é importante fator para o enriquecimento do processo de aprendizagem do aluno, o qual traz de seu contexto fora da escola muito dessas práticas”.

Desse modo, a interação tanto do professor, quanto dos estudantes com os novos meios tecnológicos, pode propiciar uma aula interessante, motivante e significativa. No entanto, basta ao professor ser o mediador de todo o processo e saber dominar o que os novos artefatos tecnológicos os propõem, desfrutando de maneira eficaz de todas as possibilidades oferecidas por gêneros textuais que demandam outras estratégias de leitura, além das convencionalmente abordadas na sala de aula.

Assim, é fundamental que o professor favoreça o ensino de estratégias de leitura relacionadas a esses gêneros que apresentam outras semioses (imagens, movimentos, sons etc.) a fim de que o aluno se aproprie com mais eficiência dessas linguagens. Ler imagens, ouvir e compreender mensagens de áudio, interpretar implícitos e os explícitos em vídeos e em imagens em movimento, identificar as relações entre sons e letras, entre letras e figuras, a partir de links e hiperlinks é o novo desafio do professor que tem a responsabilidade de educar para a cidadania.

2. Recursos metodológicos

Ressaltamos que a análise apresentada fundamenta-se somente em um pequeno recorte do amplo universo de professores que trabalham no âmbito educacional dessa cidade. Portanto, a vigente pesquisa apresentada nesse artigo, pretende mostrar uma visão muito geral a respeito de tudo o que já foi discutido com relação ao tema proposto.

Após a análise feita sobre o uso dos textos multimodais e de multiletramentos para o ensino da leitura na sala de aula, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo e revisão teórica.

Utilizaremos como ferramenta de pesquisa social a entrevista semiestruturada, empregada como técnica para levantamento de informações e complemento de nosso trabalho. Para isso, aplicamos um questionário para uma professora do 2º ano do Ensino Fundamental, a fim de propiciar a coleta de informações para o desenvolvimento desse estudo.

2.1 O sujeito da pesquisa

Através de uma entrevista pessoal realizada com a professora Luciana³, residente na cidade de Juiz de Fora, graduada em Pedagogia e com Especialização em Arte Educação para Educação Infantil, pudemos elencar informações que nos são relevantes para circunscrever todo o contexto em que ocorre o tratamento desta profissional no campo da educação, principalmente no que concerne a abordagem dos textos multimodais, quando relacionados aos aspectos desenvolvidos em habilidades de leitura desses gêneros textuais. Para se manter atualizada, Luciana participa de capacitações oferecidas pela instituição em que trabalha e faz uso do computador para acessar a internet na busca de informações e de materiais pedagógicos para melhor atender seus alunos.

A professora acima citada leciona em uma escola da rede privada, localizada no centro da cidade de Juiz de Fora (MG), a instituição possui um amplo espaço físico em suas dependências (laboratório de informática, sala de vídeo conferência, espaço privilegiado para prática de atividades esportivas e pátio), além de 2 salas de professores equipadas com computador, salas para acesso à internet e 2 salões para conferências. Luciana atende o número de 30 educandos, com idade de 7 e 8 anos, em um grupo misto de alunos.

Em sua sala de aula, a professora possui acesso aos seguintes recursos tecnológicos: *tablet* para uso de seus alunos, computador de mesa, *tablet* para uso da professora e projetor de imagens com acesso *Chrome cast*⁴ para serem ministradas suas aulas. Em síntese a professora Luciana possui através dos recursos fornecidos pela escola, condições de realizar suas aulas de forma satisfatória.

3. Os resultados da entrevista: análise de dados

3 O nome da professora citado neste trabalho é fictício. Priorizamos por essa conduta para respeitar a identidade da professora.

4 *Chrome cast* é um recurso tecnológico que permite ao usuário enviar informações, imagens, vídeos e outros para um projetor, tv ou outra ferramenta que tenha compatibilidade com este recurso, em forma de espelhamento.

Para esta entrevista, foram realizadas 10 perguntas que agrupamos em áreas de interesse para melhor atender à análise das respostas e relacioná-las com o arcabouço teórico emprestado por estudiosos da área, como Rojo (2009), Solé (2012), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e outros.

Iniciamos a entrevista, perguntando à professora como ela enxerga o trabalho com a leitura em sala de aula de alfabetização, exclusivamente, em sua turma. A esse respeito, Luciana nos relatou que a leitura deve partir primeiramente do gosto das crianças, disse ainda que possui em sua sala, textos e materiais impressos que considera de interesse dos alunos, como história em quadrinhos, receitas, jornal, livros de literatura infantil e até mesmo livros didáticos destinados ao Ensino Médio. Segundo Luciana, **[...] eles (os alunos) não ficam sem ler nada, essa é minha proposta. Às vezes, a criança não gosta, por exemplo, de história em quadrinhos, mas gosta de jornal, de notícia de futebol, então se a criança gosta, ela está lendo do mesmo jeito e, através disso, eu busco o gosto dela pela leitura. No momento que eu estiver trabalhando, ela vai ler, vai aprender e saber sobre o gênero, mas depois ela vai ter o seu próprio gosto. As crianças escolhem o que querem ler, tem criança que pega revistinhas, livros; tem quem pega Atlas e ele lê as legendas, para mim tá ótimo. Ele está lendo e se interessando. Essa é uma das formas de incentivar e ensinar leitura.**

Para a educadora, leitura é permitir que os alunos tenham a liberdade de escolher o que querem ter em mãos. Dessa maneira, o gosto pela leitura partirá inicialmente do interesse das próprias crianças e, assim, as descobertas e os horizontes dos alunos serão ampliados.

Como discutido anteriormente, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) mencionam a importância do trabalho com diferentes gêneros textuais na sala de aula e, a partir do que observamos, o trabalho da professora Luciana se dá a através dessa relevância.

Segundo Luciana, após os gêneros serem apresentados, discutidos, verificadas suas características, lidos e analisados, todos os alunos devem identificar a sua finalidade discursiva. Para isso, ela propõe atividades para que as crianças consigam reconhecer o papel social dos gêneros textuais. O interessante é que a professora sempre busca novidades para seus alunos, como podemos observar neste trecho da entrevista, em que ela ressalta: **[...] todo gênero trabalhado dentro de sala, eles (os alunos) vivenciam na prática. Hoje eu trouxe para a sala uma cigarra que apareceu morta na minha casa e amanhã nós vamos procurar um verbete de curiosidade sobre a cigarra. Então, uma coisa traz a outra, e aí se torna gostoso aprender, fica mais fácil entender para que serve o texto, o gênero.**

Em se tratando de leituras com suportes tecnológicos que demandam uma leitura não convencional, como estamos acostumados na escola, procuramos saber da professora como é a relação dos alunos com essas ferramentas e se eles apresentam facilidade na realização dos trabalhos com esses gêneros. Sobre isso, ela nos relatou que a abordagem com gêneros relacionados às novas tecnologias é a que mais agrada sua turma. Para Luciana, o uso desses recursos é ótimo,

pois boa parte dos alunos já tem acesso a essas ferramentas em casa e estão inteiramente ligados a esses recursos tecnológicos.

A professora nos deixa claro que o trabalho com a tecnologia e com os recursos oferecidos dispõe o uso de atividades pré-selecionadas por ela, já planejadas, estudadas; e que os alunos se sentem muito à vontade para a realização das atividades, até mais do que nas provas convencionais. A esse respeito, Fachinetto (2005) enfatiza que, com o mundo em constante evolução, o professor precisa captar essa nova era, esses novos recursos, a fim de estimular o interesse pela leitura e, nesse quesito, podemos verificar que a professora Luciana faz o uso de ferramentas que demonstram esse avanço tecnológico.

Dessa maneira, mediante tantas mudanças tecnológicas que a contemporaneidade instantaneamente oferece, salientamos a importância do trabalho com multiletramentos e com os textos multimodais pelos professores, procurando entender como o trabalho com a utilização desses recursos e dessas ferramentas é realizado dentro da escola. Para tal, fazendo o uso mais uma vez da entrevista com a professora, esta nos ofereceu um relato de seu trabalho em sala de aula na perspectiva do tratamento de textos multimodais, relacionados a gêneros novos, que fazem parte do cotidiano dos brasileiros, mas que pouco a escola trata.

Contudo, ficou nítido em sua prática escolar que a professora faz o uso de gêneros textuais que apresentam diferentes semioses (imagens estáticas e em movimento, vídeos, fotografias, ilustrações, áudios, etc.).

Posto que em sua sala de aula, Luciana dispõe das ferramentas necessárias para a realização desses trabalhos, sabemos que não são todas as escolas que possuem esses aparatos tecnológicos a favor do processo educacional. Sendo assim, procuramos saber o posicionamento da entrevistada a respeito desse ponto, a professora nos conta que há dois anos também não contava com esses recursos, que recorria a um laboratório no qual era difícil desempenhar suas atividades com eficiência, além da preocupação de que os alunos fossem para outros caminhos, sites não desejados, e de que não conseguisse contê-los.

A professora complementa dizendo sobre escolas e profissionais que não contam com esses recursos nas salas de aula. Para ela, **[...] tem muitos professores que levam o próprio computador para a sala de aula, mas não é todo mundo que tem. Em minha opinião, é falta de equipamento dentro da escola que promove o não avanço desse ensino mais contemporâneo.**

Com todas essas informações e para a complementação de nossa pesquisa, a professora Luciana nos relatou sobre um trabalho realizado em sua sala, com o propósito de valorizar o que os alunos já trazem do próprio cotidiano. Ela propôs uma atividade simulando o uso do Aplicativo *Whatsapp*, com a intenção de integrar os gêneros contemporâneos aos meios digitais. Podemos realçar melhor esse trabalho nessa fala da professora: **Fiz uma atividade com o Whatsapp no dia dos**

pais, arrumei aquela página igual a do Whatsapp. Os alunos escreveram uma mensagem, fiz os emoticons e convidei os pais para que viessem responder às mensagens. Ao explicar minha proposta, os alunos já sabiam qual era a escrita que deveria usar, e que não era a escrita que uso normalmente em sala de aula. Agora você tem que saber lidar com isso, porque se você só jogar a tecnologia em sua sala, não consegue dar aula, nós não temos toda essa capacidade, nós estamos muito presos a livros, a cadernos, a registros, então a gente tem que saber dosar. A tecnologia eles tiram de letra, então a gente tem que saber pegar isso, aprofundar, trabalhar, mas sem deixar de lado as outras coisas que temos que vencer e que é cobrado.

Por meio do relato da professora, observamos que ela preocupa-se em favorecer novos sentidos para os textos que os alunos já conhecem e dominam, mesmo que informalmente. Rojo (2009) assinala que os alunos pós-modernos já chegam à escola com conhecimentos tecnológicos que são, em grande parte das vezes, desconsiderados pelo professor, pela escola.

É fácil identificar, no relato da educadora, a necessidade de se trabalhar gêneros textuais mais contemporâneos, multimodais, relacionados às novas tecnologias digitais e a novos suportes de divulgação dos textos, como o Whatsapp. Isso deve ocorrer ao apontar as características e a linguagem própria de cada gênero (verbal e não verbal), sua estrutura, o assunto, o local de publicação (suportes) e os possíveis leitores, como podem ser vistas nestas imagens que assinalam o trabalho realizado pela professora no 3º bimestre de 2016 com o as mensagens de Whatsapp:

Imagem 1 – WhatsApp Dia dos Pais

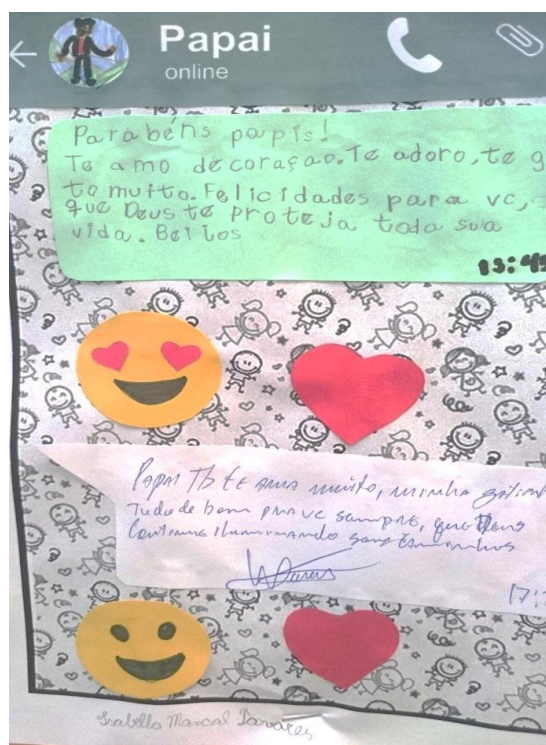
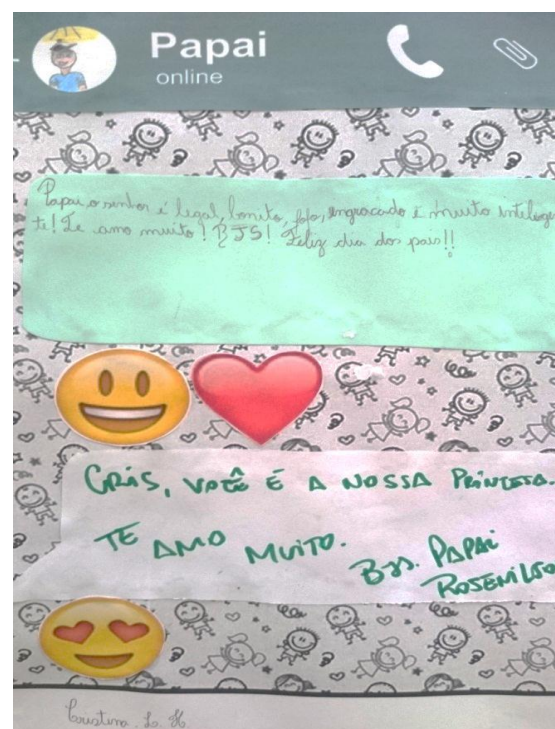


Imagem 2 – WhatsApp Dia dos Pais



Fonte: imagens pessoais, cedidas pela professora entrevistada.

Em vista de tudo o que aqui apresentamos, entendemos que professor e escola precisam acompanhar o ritmo dos avanços que permeiam as sociedades contemporâneas. Utilizar os artefatos tecnológicos que fazem parte do cotidiano dos alunos fora da escola e trazê-los para a sala de aula é essencial para estimular os diversos modos de realizar leituras, de promover habilidades leitoras e, assim, tornarem as aulas mais motivadoras e prazerosas, e tenham, efetivamente, sentido para quem aprende.

4. Considerações Finais

O presente trabalho apresentado teve como objetivo apontar e conhecer um pouco mais sobre o uso de suportes e estratégias que possam auxiliar no ensino da leitura em sala de aula, a fim de facilitar o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Sendo assim, percebemos a necessidade de se trabalhar na perspectiva dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008; DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004) e dos multiletramentos (ROJO, 2012) para aperfeiçoar as competências, habilidades e estratégias leitoras nas crianças (SOLÉ, 2012).

Isso posto, procuramos saber se, com esses novos modelos de letramentos (multiletramentos) que atualmente se configuram nas sociedades contemporâneas, os profissionais da educação utilizam-se de gêneros textuais multimodais para o trabalho com a leitura. Buscamos ainda, nos atentar para se as escolas e os professores estão preparados para trabalhar com gêneros digitais. Para essas indagações, recorreremos a pesquisas teóricas e a uma entrevista com uma professora do Ensino Fundamental, com o propósito de melhor compreensão dos fatos.

Entendemos que o professor precisa buscar novas alternativas para fugir do convencional e tornar suas aulas mais didáticas e atrativas, de modo a favorecer e enriquecer o conhecimento de seus alunos. Santos (2006, p. 22) confirma essa ideia, quando assinala que “[...] a aprendizagem da escrita não é algo que se dá de modo espontâneo, mas se constrói através de uma intervenção didática sistemática e planejada”.

Ao abordar a importância da expressão multimodal no âmbito educacional, expandimos a percepção de que a tecnologia não pode ser discutida como algo oposto à educação. Pelo contrário, deve ser vista de modo integrado para que a educação se torne num processo dinâmico, estimulante, prazeroso, significativo, ou seja, se torne em algo íntegro para o aluno.

As análises da pesquisa de campo desenvolvida revelaram que a professora entrevistada faz o uso de artefatos tecnológicos em suas aulas e de gêneros textuais compostos de linguagens mistas, com imagens, vídeos e áudios. Por conseguinte, certificamos que ela está preparada para trabalhar com gêneros digitais. Consequentemente, suas aulas se tornam mais prazerosas, e contribuem para

o aprimoramento dos processos de leitura de seus alunos, favorecendo novas formas de letramentos e multiletramentos perante as novas características dos gêneros textuais e de domínio sobre eles.

Pode ser notado, também, que o que torna escasso o emprego dos gêneros multimodais nas escolas é a falta de recursos que possibilitem o desenvolvimento das atividades. Levando em consideração a escola em que a profissional entrevistada trabalha, inferimos que ela possui as ferramentas necessárias para desenvolver um ensino mais adequado aos modelos contemporâneos de sociedade, o que facilita o seu ofício.

Em razão disso, finalizamos nossa discussão, compreendendo que os professores e escolas precisam estar preparados para seguir as transições tecnológicas que nossa sociedade vivencia. Todavia, pensamos que essa tarefa pode não ser tão fácil quanto gostaríamos que fosse, levando em consideração os diferentes tipos de escola em que nós, como professores, podemos ser inseridos. Para que isso seja possível, precisamos desenvolver estratégias para realizar trabalhos pertinentes com essas ferramentas, já que se faz tão comum no cotidiano do indivíduo e nos imbuirmos de conhecimentos e de práticas reflexivas que efetivamente estejam concatenadas com o perfil dos novos cidadãos frequentadores da escola contemporânea.

Abstract

The research seeks to point out how the teaching of reading becomes effective within the school environment by emphasizing the use of the diversity of textual genres and the application of new strategies for teaching / learning. For this, we will discuss what are literacy and multilearning to understand the use of digital technologies as pedagogical tools in the treatment of multimodal textual genres in the classroom. To verify such assumptions, a theoretical review was carried out based on authors such as Koch (2006), Solé (2012), Rojo (2013), among others. In addition to a field research based on an interview with a teacher, in which the use of technological means and multimodal texts was identified to improve and develop students' reading competence, applying the theory of multiletramentos.

Keywords: Reading. Literacy and multiletramentos. Multimodal textual genres.

Referências

AGUIAR, Marcia Juliana Dias De; FISCHER, Adriana. **A pedagogia dos multiletramentos: proposta para a formação continuada de professores**. Leia Escola, Campina Grande, v. 12, n. 106-130, nov./2012.

BRASIL. Ministério da Educação – Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2015.

_____. Ministério da Educação – Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

DOLZ, Joaquim, NOVERRAZ, Míchèle. SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas. S.P: Mercado de Letras, 2004.

FACHINETTO, Eliane A. **O hipertexto e as práticas de leitura**. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna, [S.L]. n. 03, p. 1-20, nov. 2005.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. A Pesquisa Científica. In: **Métodos de Pesquisa**. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS editora, 2009. p. 31 – 42.

GRIM UFC. **Entrevista com Roxane Rojo (2013)**. Disponível em: <http://www.grim.ufc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=80:entrevista-com-roxane-rojo-multiletramentos-multilinguagens-e-aprendizagens&catid=8:publicacoes&itemid=19>. Acesso em: 07 set. 2016.

KLEIMAN, Angela. (org). **Preciso "ensinar" o letramento ?**: Não basta ensinar a ler e escrever ?. BRASIL: [s.n.], 2005. 61 p.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, A. P. MACHADO, A. R. BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. 4 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

OLIVEIRA, Derli Machado de. Gêneros multimodais e multiletramentos: novas práticas de leitura na sala de aula. **Anais do vi fórum identidades e alteridades e ii congresso nacional educação e diversidade**. UFS–Itabaiana/SE, Brasil, p. 1-8, jun. 2013.

ORLANDO, Andreia Fernanda; FERREIRA, Aparecida De Jesus. **Do letramento aos multiletramentos: contribuições à formação de professores(as) com vistas à questão identitária**. Revista Travessia, Paraná. v. 7. n. 1. p. 414-431. 2013.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264 p.

SANTOS, Carmi F. O Ensino da Língua escrita na Escola: dos tipos aos Gêneros. In: **Diversidade Textual: os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Penso, 2012. 194 p.